

## ESTUDO

## Pandemia acentuou desigualdade brasileira, aponta FGV

## AGÊNCIA BRASIL

A desigualdade de renda no Brasil é ainda maior do que o imaginado. A constatação é da pesquisa da FGV Social, que uniu a base de dados do Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF) à da Pnad Contínua,

elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A pesquisa mostrou que o índice de Gini chegou a 0,7068 em 2020. O valor é superior ao 0,6013 calculado apenas na Pnad Contínua. Cada 0,03 ponto corresponde a uma grande

mudança da desigualdade.

“A desigualdade, quando a gente combina dados do Imposto de Renda com as pesquisas domiciliares, ela se apresenta bem mais alta, e a mudança dela na pandemia não foi de queda, como se acreditava, mas de um pequeno au-

mento”, explicou o diretor da FGV Social, Marcelo Neri.

Segundo o professor, a renda dos mais ricos revelada no Imposto de Renda é mais alta do que é captado pela Pnad Contínua.

“Se a pessoa declara Imposto de Renda, declara o que ela

tem, se não paga imposto à toa, então há desigualdade por captar mais a renda dos mais ricos. E, durante a pandemia, o grupo do meio, a classe média, não teve o auxílio e também não tinha renda do capital para estabilizar o choque adverso”, disse.

Conforme o cálculo do Gini, quanto mais perto de 1 está o indicador, maior é a desigualdade. A pandemia também é

responsável por influenciar a desigualdade.

Diferentemente do que se pensava, mesmo com o auxílio emergencial, a desigualdade brasileira não recuou durante a pandemia. Com a metodologia usual do Gini, o patamar teria passado de 0,6117 para 0,6013.

No entanto, com a combinação das bases, o indicador vai de 0,7066 para 0,7068.